

Nequinho

Genuíno Sales

A passagem de Nequinho era infalível todos os meses. Na redondeza, todo mundo acostumado com a desobriga. Havia até os que deixavam a esmola separada, esperando, no ponto para a entrega.

Nequinho se abalava do Sossego, bastavam escassear os mantimentos da coleta do mês anterior. Passava nos Barreiros, subia à chã do Engenho-de-Cima e estirava a peregrinação até às Caraúbas de seu Caminola, onde rematava a jornada. Na ida, pisava chão de mais de cinco léguas. Na volta, encompridava a caminhada. Entortava pelo Pé-do-Morro, descia pelas Lajes e, finalmente, atingia a Palmeira dos Soares, onde, segundo afirmava, o povo era muito encolhido de coração.

Saía de casa escoteiro. Apenas o surrão de sola vazio e os pequenos sacos de riscado e mandapolão que fechavam a boca a cordões. A poltrona de couro cru surrada pendia a tiracolo. O corpo franzino pesava nos tamancos de imburana roídos nos calcanhares. O chapéu de baeta de abas curtas mal lhe cobria a cabeça chata onde já avultavam muitos cabelos brancos. As calças de cáqui meio curtas estampavam remendos multicores mal pregados. O óculo de lentes escuras e pernas de arame emendadas com a cera de abelha e linha preta não permitia ver-lhe as pupilas dos olhos miúdos. Aquele óculo antigo, que minha mãe dizia chamar-se *picinez*.

Nequinho surgia lá na boca do pátio, babatando com passos miúdos, contados, quase num sapatear. Catava aqui e ali as pedras da estrada como se as contasse, com a bengala de pequiá polida arrematada na ponta por um castão de chifre de boi. Topava nos estrepes. Trambecava nas barreiras. Estava no mato rasteiro da beira do caminho, coberta de relógio e matapasto. Parava. Assuntava como a farejar o rumo certo. E de bastão em riste, arriscava novamente a caminhada. Babatava... babatava...

Da boca do pátio até atingir o terreiro lá de casa gastava um tempão. Uma "via cruci" como ele afirmava toda vez nas suas intermináveis lamentações. Inspirava dó a quem o visse naquela loita contra as trevas da cegueira. Confortava-se com as citações evangélicas aprendidas de oitava, quando ouvira as leituras das Horas Marianas proferidas pela professora Florentina.

Passava primeiro na casa da velha Donata, onde recebia a esmola de sempre: um punhado de feijão de moita e, às vezes, uma nesga do lombo de toucinho do porco da china, que o velho João Soares dificilmente matava para o seu consumo.

Depois, aproximava-se às tontas, da casa de meu pai. Com muita incerteza, chegava às biqueiras da casa. Procurava os peitoris com a bengala incerta e derivada. Topava bruscamente nas paredes. Apalpava-as vagarosamente, amaciava-as e dedilhava a superfície dos peitoris forrados de largas tábuas de aroeira. Encostava-se aliviado. Corria a mão no comprido da parede para um lado e para o outro buscando encontrar a meia-porta do avarandado. Topava de súbito no batente. Firmava-se na bengala e amornava no silêncio. Levantava a cabeça e com a voz comprida resmungava.

- Ô de casa!

Da rede de tucum, meu pai respondia.

- Ô de fora. Entre, seu Nequinho, e se abanque.

- Nhor não, a demora é pouca. Já é tarde. Não quero escurecer no caminho. Vou pernoitar no Engano-de-Baixo na casa de seu Rufo, se Deus for servido.

Entrava para o avarandado e se sentava na cadeira de sola que eu lhe encostava. Fitava o nada.

Meu pai mandava buscar a esmola. Uma rapadura grande e uma bacia com farinha de mandioca. Talvez uns dois litros. Eu providenciava tudo muito ligeiro. Para mim, era uma novidade a passagem de seu Nequinho.

- Pegue, seu Nequinho. Onde é que bota?

- Aqui. E caqueava no surrão de sola até encontrar um saco que já contivesse farinha dentro.

Eu fazia concha das mãos nos beijos da bacia esmaltada e despejava a farinha no saco de boca apertada. A poeira da goma caracolava. As rapaduras, ele as colocava no surrão. Elevava a cabeça, tirava o chapéu e apertava no peito, dizendo:

- Deus te pague a santa esmola. Deus te dê muita vida e saúde. Santa luzia proteja a luz dos teus olhos e São Francisco de Canindé te livre de tudo quanto for ruim e também da praga do mau vizinho.

Da rede de tucum meu pai respondia

- Amém a nós todos!

Passava o dedo grande na testa regando o suor que transpirava. Soprava um assobio de descanso e de cabeça baixa suplicava:

- Pode me alcançar um copo com água?

Eu trazia lá de dentro a copeira com dois copos cheios.

- A água, seu Nequinho.

Suas mãos passeavam no ar até abalroarem a copeira de metal. Acertava o copo. Pegava-o trêmulo. Levava à boca e bebia de uma vez.

- Ainda tem. Quer mais?

- Nhor sim. Este calor danado. Este sol abrasador!

Meu pai o interrogava parece que de propósito.

- Vaincê não usa um guia, seu Nequinho? Prefere andar sofrendo por essas estradas sozinho arriscando a se perder por aí, que Deus o livre?

- Nhor não. Carece não. Sou cego de nascença. Quem é cego de nascença não precisa de guia não. Basta o faro. Vou pelo sentido, como os animais de noite. É como lá diz a Bíblia Sagrada, Deus dá o frio conforme a roupa. Os cegos enxergam pelos olhos de Deus. É assim mesmo. A pior sorte do mundo é melhor do que morrer.

Minha mãe mandava trazer café. Ele bebia na tigela branca de listras azuis nas beiradas. Soprava compridamente até que esfriasse. Bebia rápido. Depois tirava da patrona uma latinha amarelada que estampava quase ilegível pela ferrugem o nome COLONY. Retirava dela um cigarro já enrolado na macia palha de milho. Acendia-o entre o côncavo das mãos tremosas. Fumava calado. O polme enchia o avarandado. E o cheiro se espalhava por longe.

Com pouco, suspirava cansaço. Dizia alguma coisa inaudível e sem sentido. Levantava-se e novamente começava a babatar, a apalpar as paredes, na tentativa custosa de encontrar a saída pela meia-porta do alpendre. Com muito custo descia o batente. Primeiro escapulia um pé. Firmava-se na bengala. Escapulia o outro. Caquiava o peitoril, na busca do surrão de sola. Encontrava. Levava-o aos ombros e se despedia.

- Adeus, até outro dia se Deus quiser. Deus lhe pague a santa esmola dada de bom coração.

Descia de terreiro abaixo, pegava a estrada, catando as pedras com a bengala. Topava aqui e acolá. Saía do leito da estrada. Parava. Assuntava. A bengala na frente. Começava andar vagaroso. Uma "via cruci", como ele dizia toda vez nas suas lamentações.

Finalmente, encobria-se na curva do caminho, depois da passagem do riacho. Ao sentir-se distante e fora do alcance das vistas, parava, olhava para trás, para um lado e para o outro, suspendia a bengala, aligeirava o passo e estirava caminho...